

**Um Comunicador do Tipo “Inesperado” na Islândia:
O Caso de Runolfur Runolfsson ¹**

ERLENDUR HARALDSSON E IAN STEVENSON ^{2, 3}

INTRODUÇÃO

Em artigos anteriores, um de nós chamou a atenção para a importante evidência de vida após a morte oferecida ao médium e aos assistentes presentes através de comunicações mediúnicas de comunicadores desconhecidos, no momento da sessão (Stevenson, 1965, 1970, 1973). A literatura mais antiga sobre mediunidade contém numerosos exemplos individuais de casos deste tipo (Gibbes, 1937; Hill, 1917; Moses, 1874, 1875, 1879; Tyrrell, 1939; Zorab, 1940). A importância desses casos talvez tenha passado despercebida porque eles foram publicados principalmente em relatórios isolados. Gauld (1971) publicou uma série de relatórios sobre casos dessa natureza ocorridos em um círculo mediúnico privado na Inglaterra.

Nós nos referimos aos comunicadores de tais casos como comunicadores “inesperados”. A importância desses casos deriva do fato de que sua interpretação como resultado de telepatia entre o médium e as pessoas vivas (ou a clarividência) deve incluir o entendimento de por que uma pessoa morta em particular ao invés de outra é selecionada para representar em forma dramatizada o papel de comunicador de uma mensagem que o médium construiu a partir de ingredientes derivados da percepção extra-sensorial de pessoas vivas. Além disso, quando um comunicador “inesperado” parece ter propósitos para o que ele deseja comunicar, a sua motivação em transmitir uma mensagem aos acompanhantes freqüentemente parece maior do que a motivação do médium em fornecer uma mensagem dessa pessoa em particular. Em outras palavras, a hipótese de telepatia entre pessoas vivas e/ou de clarividência não explica adequadamente a representação, pelo menos não em alguns desses casos, dos fatores cognitivos apresentados pelo comunicador em questão. Uma hipótese que leve em conta todos os fatos deve de algum modo explicar não apenas os detalhes cognitivos — isto é, a informação correta mostrada na comunicação — mas também a personificação exata feita pelo médium da pessoa morta representada como comunicante. (As mesmas dificuldades se verificam nas tentativas de se explicar todos os casos do tipo reencarnação como inteiramente devidos à clarividência ou telepatia entre as pessoas vivas). Nós não estamos afirmando categoricamente que a telepatia entre vivos ou a clarividência não poderia interpretar melhor alguns casos de comunicadores “inesperados” e também alguns casos de reencarnação. O que estamos dizendo é que muitos defensores dessas hipóteses (algumas vezes convenientemente chamadas conjuntamente de “a hipótese de super PES”) parecem considerar apenas os aspectos cognitivos dos casos nos quais eles aplicam a teoria sem pensar nos outros aspectos, tais como as características conativas, na representação total do

¹ Um breve relatório deste caso foi apresentado na Décima Quinta Convenção Anual da Associação de Parapsicologia, Edimburgo, Escócia, de 2 a 5 de setembro, 1972.

² Nós estendemos os nossos agradecimentos à Sra. Elinborg Larusdottir de Reykjavik por ter feito a gentileza de responder as nossas perguntas sobre este caso e facilitar os nossos inquéritos adicionais sobre ele.

³ Palavras islandesas, incluindo a maioria dos nomes próprios, têm muitas vogais acentuadas; por questões de economia na composição, nós omitimos todos esses acentos neste artigo.

comunicador. Devemos reconhecer, entretanto, que em muitas comunicações “inesperadas”, o comunicador diz pouco sobre si mesmo. Frequentemente ele não diz por que escolheu se comunicar em uma sessão particular e nem mesmo fornece informações suficientes para que possamos conjecturar sobre os seus motivos.

O termo que se tornou popular para estes comunicadores deriva-se do fato de que muitos deles parecem “surgir espontânea e informalmente” e, após serem registrados oficialmente, por assim dizer, eles muito rapidamente “abandonam a sociedade”, de modo que nunca mais se estabelece contato com eles outra vez. Os exemplos de Abraham Florentine (Moses, 1874, 1875, 1879; Stevenson, 1965), Robert Passanah (Stevenson, 1970), e Robert Marie (Stevenson, 1973) todos ilustram esta característica de manifestação transiente. O comunicador Abraham Florentine nunca deu qualquer razão para o seu aparecimento na Inglaterra, quando tinha morrido no Brooklyn, Nova Iorque. O comunicador Robert Passanah não deu também qualquer razão para a sua aparição, embora toda a informação disponível sobre o caso permitisse especular que ele poderia ter vindo tranquilizar a mãe dele que estava aflita, informando-a sobre sua sobrevivência em um momento em que a remoção de sua lápide no cemitério renovava a tristeza dela. Robert Marie foi dito ter sido trazido às sessões em que se manifestou expressivamente para fornecer evidência de sobrevivência após a morte porque era completamente desconhecido ao médium e ao único assistente e, portanto, assim supôs-se, suas comunicações exatas não poderiam ser explicadas como o resultado de telepatia entre o médium e o assistente. Destes três comunicadores, Robert Passanah apareceu em apenas uma sessão, Abraham Florentine em duas somente, e Robert Marie em cerca de quatro somente. Mais tarde todos desapareceram sem deixar vestígios. Esta característica dos comunicadores “inesperados” não invalida a reivindicação de que são pessoas falecidas que realmente transmitem mensagens através dos médiuns. É possível que os comunicadores, supondo que eles sejam pessoas falecidas reais, desejam somente estabelecer suas identidades, talvez para tranquilizar seus parentes sobreviventes, e que após conseguirem alcançar esse objetivo, não têm motivo adicional para aparecerem em sessões posteriores. Em uma análise dos casos de *Phantasms of the Living* que sugerem sobrevivência, Gibson descobriu que o “agente, moribundo ou falecido, parece ser o agente principal e constrangedor nos fenômenos observados, enquanto o percipiente normalmente tem um papel secundário” (Gibson, 1944, p. 105). Talvez o motivo para comunicar-se não seja somente uma característica da suposta situação do agente falecido, mas uma *exigência* real para uma comunicação bem sucedida. E uma vez que a motivação tenha sido mitigada, por assim dizer, por uma comunicação bem sucedida, pode faltar ao agente o “poder” para fornecer comunicações adicionais sobre ele mesmo ou algum outro tópico, não importando quão ansiosos os acompanhantes possam estar para ouvir mais dele.

Seja como for, não se pode evitar um sentimento de desapontamento, quase irritação, já que muitos comunicadores “inesperados” desaparecem para sempre logo após se identificarem. Seria preferível familiarizar-se com eles e entender melhor os motivos de suas comunicações e o desenvolvimento adicional de seus pensamentos e de outros aspectos de suas personalidades. Nós apresentamos aqui um exemplo de um comunicador “inesperado” que não “falou e foi embora”, mas, pelo contrário, continuou a comunicar-se frequentemente com o médium, e eventualmente transformou-se em seu controle regular. Este caso tem a importante característica adicional de que a informação escrita que permitiu finalmente a verificação da identidade do comunicador não existia em uma única fonte, mas em duas. Mas mesmo estas duas fontes escritas não continham todos os detalhes verificados da comunicação. Nós não acreditamos que todos estes detalhes fossem conhecidos por nenhuma pessoa viva, embora não possamos estar completamente certos sobre este último ponto. Nossa

informação no caso deriva-se de três fontes. Primeiro, usamos relatórios publicados sobre o caso e escritos na língua islandesa. Segundo, obtivemos informações adicionais sobre o médium de outros relatórios ou originais publicados. E finalmente, nós (principalmente E.H.) fizemos pessoalmente inquéritos adicionais na Islândia sobre vários detalhes do caso.

HAFSTEINN BJORNSSON, O MÉDIUM DO CASO

O médium do caso que nós relataremos, Hafsteinn Bjornsson,⁴ nasceu em Skagafjordur, no norte da Islândia, em 30 de outubro de 1914. Seus poderes paranormais manifestaram-se cedo na infância e têm, de acordo com os seus próprios clientes (Bjornsson, 1972), permanecido fortes desde então. Um de nossos informantes, Ingibjorg Danivalsdottir, o conheceu em 1934 e disse a E.H. que, na época, Hafsteinn tinha experiências psíquicas e freqüentemente “via” pessoas falecidas.

Entre 1933-35, Hafsteinn passou cerca de dois anos na área de Keflavik, sudoeste de Reykjavik. Por volta de 1936, mudou-se para um lugar a aproximadamente 40 milhas ao leste de Reykjavik, e, no ano seguinte (1937), para a própria Reykjavik. Também nesse ano começou a dar sessões regulares como médium, e continuou a fazê-lo desde então. Hafsteinn é um empregado em período integral de uma estação de rádio em Reykjavik. Não é um médium profissional no sentido de ganhar a vida através da mediunidade, mas aceita pagamentos dos assistentes. Hafsteinn às vezes pode descrever entidades desencarnadas que alega ver em volta das pessoas presentes quando está aparentemente em um estado desperto. Nós relatamos resultados de uma experiência (Haraldsson e Stevenson, 1974) na qual Hafsteinn participou desta maneira; os resultados foram significativamente positivos.

Hafsteinn também é um médium de transe que tem controles regulares, assim como comunicadores (além dos controles) que parecem às vezes falar diretamente através de suas cordas vocais. Ele tem um dom notável para obter nomes próprios — que, como é sabido, poucos médiuns possuem. Suas realizações neste campo nos fazem lembrar um médium inglês pouco conhecido, A. Wilkinson, que foi, a propósito, o médium para diversos exemplos excelentes de comunicadores “inesperados” (Monte, 1917). Certamente, uma habilidade acima da média de comunicar nomes próprios é quase essencial para as comunicações “inesperadas”, que de outra maneira raramente conteriam detalhes suficientes para tornar a verificação possível. Hafsteinn parece também ter a habilidade, manifestada em ocasiões muito raras, de permitir que um comunicador fale em uma língua desconhecida ao médium. De acordo com um relatório publicado (Larusdottir, 1970), o professor Svend Fredriksen da Dinamarca, visitando a Islândia, atendeu a uma sessão com Hafsteinn e conversou por um curto tempo na língua esquimó com um comunicador que alegava ser um esquimó da Groenlândia. O professor Fredriksen tinha passado muito tempo na Groenlândia e conhecia bem a língua esquimó (apesar da proximidade geográfica da Islândia e da Groenlândia e de sua associação comum por séculos com a Dinamarca, quase ninguém na Islândia fala a língua esquimó e o médium certamente nunca a aprendeu). O comunicador esquimó era uma pessoa que o professor dinamarquês conheceu quando vivera na Groenlândia. E.H. entrevistou dois assistentes que tinham comparecido a esta sessão e uma terceira pessoa, em cuja casa o professor Fredriksen estava hospedado em Reykjavik. Todos disseram que o professor

⁴ Acreditamos que os leitores acharão útil se mencionarmos agora que na Islândia todos usam um nome que (geralmente) une o nome do pai a uma identificação adicional. Os homens adicionam geralmente o sufixo “son” ao nome do pai e as mulheres o sufixo “dottir.” As mulheres geralmente mantêm seus próprios nomes após a união. Na Islândia as pessoas são identificadas (por exemplo, no livro de telefone) principalmente por seus primeiros nomes. Seguindo esse costume, daqui por diante nos referiremos ao médium como “Hafsteinn”.

Fredriksen havia dito que ele conversara na língua esquimó com o comunicador. Infelizmente, não foi feita nenhuma anotação simultânea ou gravação desta conversa na língua esquimó e não estamos em posição de considerar essa informação como algo mais do que uma ilustração da variedade dos poderes atribuídos a Hafsteinn.

A mediunidade de Hafsteinn despertou muito interesse em seu próprio país e particularmente entre os membros da Sociedade da Islândia para a Pesquisa Psíquica. Ao retornar à Islândia após diversos anos no exterior, um de nós (E.H.) se familiarizou com ele e também com várias pessoas que o tinham conhecido durante muitos anos. Estes inquéritos confirmaram a impressão contida nos relatórios publicados na Islândia de que Hafsteinn é um médium notável. Infelizmente, os registros anteriores das sessões com Hafsteinn deixam a desejar, já que os acompanhantes raramente fizeram transcrições textuais ou gravações de fita. Alguns acompanhantes fizeram breves anotações dos eventos das sessões e outros escreveram as anotações posteriormente. Somente algumas sessões foram gravadas em fita. Entretanto, as datas de cada sessão e os nomes e os endereços de todos os acompanhantes foram registrados. Elinborg Larusdottir (1946, 1965, 1970) escreveu diversos livros nos quais ela incluiu relatórios das sessões de Hafsteinn. No processo de preparação dos relatórios ela entrevistou os acompanhantes nas sessões relevantes, individual e coletivamente, e então incluiu nos registros somente os detalhes sobre os quais todas as pessoas entrevistadas tivessem concordado. Por vezes ela também obteve e publicou originais escritos, incluindo depoimentos dos acompanhantes que afirmaram que os relatórios dela correspondiam às memórias deles.

RELATÓRIO DO CASO

Primeiro apresentaremos um resumo extraído de uma tradução feita por um de nós (E.H.) de um relatório do caso escrito por Elinborg Larusdottir (1946).⁵

Durante os anos 1937-38, um grupo de pessoas participou de sessões regulares com Hafsteinn no lar de Einar H. Kvaran, em Reykjavik. No início, as sessões eram semanais e mais tarde geralmente duas vezes por semana. Algumas vezes, no outono de 1937, um comunicador, que mostrou o comportamento mais incomum, começou a se manifestar através do médium em transe. Quando pediram que ele se identificasse, ele disse: “Meu nome é Jon Jonsson ou Madur Mannsson”⁶ e adicionou: “Para que diabos você quer saber o meu nome?”

Einar Kvaran perguntou ao comunicador o que ele queria e ele respondeu: “Eu estou procurando a minha perna. Eu quero a minha perna.” Em seguida Einar Kvaran perguntou onde estaria a perna dele, e o comunicador respondeu: “Está no mar.”

O comunicador continuou a se manifestar nas sessões subsequentes, sempre exigindo a perna e se recusando a revelar a sua identidade.

No outono de 1938, as sessões com Hafsteinn ocorreram no lar de Lilja Kristjansdottir. O mesmo comunicador apareceu também nestas sessões ainda exigindo sua perna e se recusando a dizer quem era. Estas sessões tiveram a presença de alguns acompanhantes que não estavam presentes durante as sessões ocorridas no ano anterior. As pessoas que participaram das sessões incluíam Niels Carlsson e sua esposa, Gudrun Stefansdottir, de Hafnarfjordur. Logo após (1º de janeiro de 1939) Ludvik Gudmundsson juntou-se ao grupo.

⁵ Fizemos algumas correções menores e sem importância nas datas com base em nossos inquéritos anteriores na Islândia, incluindo as recordações do próprio Hafsteinn.

⁶ Estes são nomes fictícios estereotipados. O uso deles pelo comunicador seria o equivalente a um comunicador em uma sessão americana dizendo: “apenas me chame de Henry Jones ou Sr. Anyman, se você preferir.” Era parte da tentativa do comunicador de evitar revelar a sua identidade verdadeira.

Ele era um comerciante de peixes que possuía uma fábrica processadora de peixe na vila de Sandgerdi, a aproximadamente 36 milhas de Reykjavik, mas ele e sua esposa viviam em Reykjavik. Eles possuíam também uma casa em Sandgerdi.

Quando Ludvik Gudmundsson juntou-se às sessões, o estranho comunicador, que referia-se a si mesmo apenas como Jon Jonsson ou Madur Mannsson, expressou satisfação em conhecê-lo. Ludvik Gudmundsson e Niels Carlsson, um acompanhante em ocasiões anteriores, se conheciam e eram parentes, mas o médium nunca tinha visto Ludvik Gudmundsson antes e não sabia nada sobre ele ou a família dele. Ludvik Gudmundsson não conseguia identificar nenhuma razão para o prazer que o comunicador demonstrava em conhecê-lo na reunião. Quando perguntou ao comunicador quem ele era, como os outros acompanhantes tinham feito previamente, o comunicador continuou o jogo de não revelar a sua identidade. Mas disse finalmente que Ludvik Gudmundsson sabia sobre sua perna que agora estava na casa dele em Sandgerdi. Contudo, mesmo após ter dito tudo isto, ele continuou a esconder a sua identidade.

Durante este período, o comunicador mostrou um comportamento completamente diferente do que era habitual ao médium. Por exemplo, ele frequentemente pedia rapé. Então fazia o movimento de cheirar o rapé levando a mão ao nariz (do médium) e aspirando em seguida. Ele também pedia café e sugeria que quando os acompanhantes tomassem café após a sessão, o que era habitual, eles deveriam encher uma xícara para ele! Uma vez, uma sessão com Hafsteinn ocorreu no lar de uma Sra. Soffia. O enigmático comunicador manifestou-se e a Sra. Soffia perguntou se ele gostaria de provar algum rapé. Ele recusou a oferta e disse que também não queria café, mas que tomaria qualquer coisa que ela tivesse. Quando ela perguntou o que poderia ser, o comunicador disse que ela tinha algo em um vidro na parte traseira de um armário na cozinha. A Sra. Soffia recordou então que ela tinha algum rum em sua cozinha que usava ocasionalmente para cozinhar. No entanto, ela se recusou a dar o rum ao comunicador, e essa recusa provocou resmungos da parte dele. Uma vez um acompanhante perguntou ao comunicador, em referência aos seus desejos carnis, porque ele deixou de evoluir ainda mais. E ele respondeu: “Eu não quero ser [mais evoluído]. É ótimo ser como eu sou.”⁷

Finalmente, em uma sessão, Ludvik Gudmundsson e Niels Carlsson deram ao comunicador um ultimato. Eles exigiram saber a identidade dele e disseram que de outra forma não fariam nada para ele. Isto teve o efeito de irritar o comunicador, que então não apareceu por muitas sessões. Quando ele finalmente retornou (a data exata desta sessão não foi registrada; veja a nota de rodapé 11 abaixo), ele pareceu vir abruptamente e os acompanhantes tiveram a impressão de que ele literalmente se forçou a entrar no médium acotovelando de lado outro comunicador. O comunicador então disse:

Bem, é melhor para mim dizer-lhes quem sou. Meu nome é Runolfur Runolfsson, e eu tinha 52 anos quando morri. Vivi com minha mulher em Kolga, ou Klappakot, perto de Sangerdi. Eu estava voltando de Keflavik⁸ (a cerca de 6 milhas de Sandgerdi) no fim do dia, e estava bêbado. Parei na casa de Sveinbjorn Thordarson em Sandgerdi e aceitei beber alguma coisa para me refrescar. Quando quis ir embora, o tempo estava tão ruim que não queriam me deixar sair, a menos que alguém me acompanhasse. Fiquei nervoso e disse que não iria, se não pudesse ir só.

⁷ Hafsteinn bebe café e fuma pouco. Mas não cheira rapé. No que diz respeito ao álcool, ele disse que “toma uma garrafa de vinho uma ou duas vezes ao ano”.

⁸ Keflavik é uma cidade pequena que fica a aproximadamente seis milhas de Sandgerdi. Encontra-se no lado norte da península de Sudurnes a aproximadamente 30 milhas de Reykjavik. Sudurnes é o nome da área em que todos os lugares (exceto Reykjavik) a serem mencionados estão situados. Localiza-se a sudoeste de Reykjavik.

Minha casa estava a apenas 15 minutos de distância. Assim, saí sozinho, mas estava molhado e cansado. Caminhei sobre o kambuin⁹ (cascalho) e cheguei ao rochedo conhecido como Flankastadaklettur, que agora já quase desapareceu. Fiquei sentado lá, peguei minha garrafa [de conhaque] e bebi um pouco mais. Então caí no sono. A maré veio, e me levou embora. Isto aconteceu em outubro de 1879. Só fui encontrado em janeiro de 1880. Fui trazido pela maré, mas os cães e os corvos despedaçaram o meu corpo. Os restos (do meu corpo) foram encontrados e enterrados no cemitério de Utskalar¹⁰ (a umas 4 milhas de Sangerdi). Mas um fêmur estava faltando. Foi de novo levado para o mar, mas depois, apareceu em Sandgerdi. Ali passou de mão em mão, e agora está na casa de Ludvik. (Larusdottir, 1946, pp. 203-204).

O comunicador mencionou também outro detalhe, a saber, que tinha sido muito alto, mas nós não sabemos se mencionou isto na época em que se identificou ou em uma sessão anterior.¹¹

Ao ouvir estas declarações, Ludvik Gudmundsson e Niels Carlsson perguntaram onde poderiam encontrar a prova da exatidão do que o comunicador tinha narrado. Ele então respondeu: “No livro da igreja de Utskalar.” Os acompanhantes examinaram os livros da igreja de Utskalar e rapidamente encontraram neles o registro de uma pessoa com o nome citado pelo comunicador. Tanto a presumida data quanto a idade da morte fornecida provaram estar corretas. Mas o mistério da perna permaneceu.

Algum tempo antes destas sessões, quando Ludvik Gudmundsson tinha comprado a fábrica de peixes e sua casa em Sandgerdi, ele tinha ouvido relatos de assombração na casa. Contaram-lhe sobre dois crânios que eram mantidos no local. Um jovem que vivia lá tinha jogado um destes crânios em um canto com uma observação desdenhosa sobre o lixo que se encontra ao redor. Na noite seguinte, os habitantes da casa sentiram as “presenças” de dois homens que pareceram circular olhando todos que estavam dormindo, ou tentando dormir. “Eles” pararam principalmente ao lado da cama do menino que tinha jogado o crânio e ele ficou totalmente estarecido. Os crânios permaneceram na casa depois disso até que Ludvik Gudmundsson a comprou. Ele os colocou em uma caixa de vidro. Aconteceu de ele mencionar a história dos crânios a um habitante da área que observou que talvez existissem outros ossos na casa que poderiam ser encontrados se alguém os procurasse. Ludvik Gudmundsson refletiu sobre esta sugestão naquela época, mas apenas quando o comunicador, Runolfur Runolfsson,¹² afirmou que sua perna estava na casa de Ludvik em Sandgerdi, ele recordou o incidente dos crânios. Então ele recorreu a diversos homens idosos da vila e perguntou se eles sabiam qualquer coisa sobre um osso da perna encontrado na área. Alguns deles recordaram vagamente que um osso da coxa (fêmur) “tinha circulado”, mas não sabiam onde ele tinha ido parar. Então alguém disse que achava que o carpinteiro que construía a parede interna abaixo da escada na parte norte da casa tinha colocado um osso da perna lá, entre as paredes interna e externa. Tinha dito, parece, que lá o osso não atrapalharia ninguém!¹³

⁹ O kambinn é uma formação de seixos na praia perto do mar.

¹⁰ Utskalar é uma fazenda perto da ponta da península de Sudurnes, onde Sandgerdi e Keflavik estão situadas. Fica a aproximadamente quatro milhas de Sandgerdi e seis de Keflavik.

¹¹ Em uma entrevista (em 1972) com E.H., um dos assistentes que esteve presente, Niels Carlsson, disse que a sessão em que o comunicador se identificou ocorreu no inverno ou na primavera de 1939. Niels Carlsson afirmou também que nenhuma anotação foi feita durante as sessões, mas, logo depois, as declarações que os assistentes queriam verificar foram anotadas. Infelizmente, estas notas não foram mantidas.

¹² “Runki” é o nome familiar para Runolfur na Islândia e o nome pelo qual o comunicador rapidamente tornou-se conhecido, após se identificar.

¹³ Alguns leitores podem achar este um meio ímpar de liquidar um osso humano. Deve ser entendido, no entanto, que seria considerado desrespeitoso, se não um sacrilégio, na Islândia simplesmente jogar um osso

Contudo, a casa de Ludvik Gudmundsson era grande, e não era fácil decidir em que parede, caso a história fosse verdadeira, o osso da perna tinha sido colocado. Alguém sugeriu a área entre duas janelas. A parede foi aberta, mas o osso da perna não foi encontrado. Então um homem chamado Helgi Thordarson, um mecânico empregado na fábrica dos peixes que tinha vivido uma época em um quarto da casa de Ludvik, e que também sabia que o carpinteiro tinha colocado um fêmur entre as duas paredes, sugeriu que podia ser no quarto onde ele tinha vivido.¹⁴ A parede foi aberta neste quarto e um fêmur foi descoberto. Era extremamente longo, concordando assim com uma das indicações anteriores do comunicador sobre o fato de que ele tinha sido muito alto. (O neto de Runki, Jonas Bjarnason, nos disse mais tarde que o seu avô tinha mais de seis pés de altura.) Este osso, possivelmente de Runki, foi encontrado dessa forma em 1940, isto é, mais de 60 anos após a morte de Runki e aproximadamente três anos após as primeiras comunicações que aparentemente vieram dele.

Quando Ludvik Gudmundsson encontrou o osso, ele o levou ao seu escritório para guardá-lo num caixão que construía para ele. Guardou-o por um ano, e então houve uma cerimônia religiosa de enterro executada para ele em Utskalar. Os participantes acreditaram que enterravam o último resto terreno de Runki, embora fosse uma mera suposição que o fêmur descoberto na casa de Ludvik tinha vindo do corpo desmembrado de Runki encontrado e enterrado aproximadamente 60 anos antes. A cerimônia do enterro seguiu o procedimento tradicional para tais ocasiões na Islândia. O clérigo deu um sermão elogiando Runki, o coro cantou, e mais tarde os participantes participaram de uma recepção na casa do clérigo. Diversos acompanhantes regulares das sessões de Hafsteinn compareceram à cerimônia e à festa do enterro mais tarde. O médium, entretanto, não estava presente.

Runki veio expressar a sua gratidão em uma sessão feita imediatamente após a cerimônia do enterro para o fêmur. Declarou que tinha estado presente na cerimônia e na recepção e as descreveu em detalhes, chegando a mencionar os nomes dos diferentes bolos servidos na casa do clérigo. Expressou agradecimentos principalmente a Ludvik Gudmundsson e sua esposa por terem organizado a cerimônia do enterro. Elinborg Larusdottir examinou os registros da paróquia de Utskalar e de outros documentos relevantes para o período mencionado na comunicação de Runki. Os registros indicaram que em 1849 ele teve um lar em Klopp na paróquia de Hvalnes. Em 1859 viveu em Flankastadakot (perto da rocha mencionada na comunicação) com uma mulher chamada Gudrun Bjarnadottir. Tiveram uma filha chamada Gudrun Maria. Esta mesma informação também foi registrada no censo nacional de 1860. Nesse cadastro Runki foi registrado como um trabalhador solteiro e nascido na paróquia de Melar. Os registros da igreja em Melar dizem que ele nasceu em 25 de dezembro de 1828, em Melaleiti, em Borgarfjordur. Era o filho de Runolfur Thorsteinsson, um lavrador em Hafthorsstadir em Nordurardal, e de Gudrun Magnusdottir, que trabalhou como uma empregada doméstica em Melaleiti. A igreja também registra a informação de que Gudrun Bjarnadottir estava viva (em 1860) e era uma dona de casa, mas o documento não indica se ela foi casada legalmente com Runki. Alguns registros posteriores mostraram que Runki morava em Klappakot (Kolga) com três crianças, dois meninos e uma menina. Em 1879, registros mostravam que ele ainda vivia em Klappakot. Como o nome de Gudrun Bjarnadottir não mais apareceu nos registros da igreja, supõe-se que ela tenha morrido antes dessa data. No

humano fora. Ao mesmo tempo, seria impraticável enterrar um osso no chão consagrado de um cemitério sem saber a quem ele pertenceu. Descreveremos a cerimônia associada ao enterro do fêmur após ele ter sido encontrado.

¹⁴ De acordo com alguns inquéritos posteriores de E.H., o próprio carpinteiro, Asbjorn Palsson, foi chamado na busca e indicou o lugar na parede onde tinha posto o fêmur durante a remodelagem da casa. Veja umas seções posteriores deste artigo para obter alguns detalhes adicionais.

ano seguinte (1880) o nome de Runolfur Runolfsson também desapareceu dos livros da igreja de Utskalar. Entretanto, os clérigos da Islândia mantinham registros e notas oficiais de eventos incomuns, principalmente de funções e de cerimônias religiosas de suas paróquias. E o livro de registros do clérigo da paróquia de Utskalar contém a seguinte nota:

Em 16 de outubro de 1879, Runolfur Runolfsson, residente em Klappakot, desapareceu por causa de alguma ocorrência acidental ou anormal no caminho de casa saindo de Keflavik durante uma tempestade com chuva perto de sua fazenda no meio da noite. Acredita-se que ele tenha sido levado pela tempestade descendo a praia ao sul da fazenda limítrofe em Flankastadir, onde o mar o levou para longe, porque seus ossos foram encontrados desmembrados muito mais tarde e sua roupa foi carregada também separadamente [isto é, separada de seus ossos].

Os registros do clérigo ainda afirmam que o resto do corpo de Runolfur Runolfsson foi enterrado decentemente em 8 de janeiro de 1880. Foi registrado como tendo 52 anos de idade na época da morte.¹⁵

O relatório publicado por Elinborg Larusdottir (1946), do qual extraímos o registro acima, continha no fim o seguinte depoimento dos acompanhantes presentes durante as sessões quando Runki comunicou:

Os eventos ocorridos em relação a Runolfur Runolfsson eram tão memoráveis que acreditamos que aqueles que, assim como nós, fizeram parte destes eventos os recordam distintamente. Portanto, temos o prazer de testemunhar que o relatório acima é exato.

Datado: Reykjavik, 23 de abril de 1946

Assinado: Ludvik Gudmundsson Kristjana Arnadottir
 Jorunn Gudmundsson Niels Carlsson
 Lilja Kristjansdottir

Verificações Adicionais

Anteriormente, em 1969, um resumo deste caso apareceu em um jornal de Reykjavik, *Lesbok Morgunbladsins*. Isto levou um correspondente, o Rev. Jon Thorarensen, a escrever ao *Lesbok Morgunbladsins* chamando a atenção para outro lugar onde existia um registro escrito da morte de Runki. Isto ocorreu em um livro, *Anais de Sudurnes*, escrito pelo Rev. Sigurdur B. Sivertsen,¹⁶ o clérigo de Utskalar na época da morte de Runki, e editado pelo Rev. Jon Thorarensen. (Este livro, entretanto, não tinha sido publicado até 1953, um ponto ao qual retornaremos mais tarde). Citaremos a seguir a tradução feita por E.H. da comunicação do Rev. Jon Thorarensen publicada em 9 de março de 1969, no *Lesbok Morgunbladsins*.

O Rev. Sigurdur B. Sivertsen da paróquia de Utskalar nasceu em 1808 e morreu em 1887. Era um clérigo devotado, diligente dentro e fora de sua igreja. Era um dos poucos homens que combinava o trabalho literário com as questões práticas. Seus anais contêm registros detalhados do ano 1879. O escritor cita com frequência a extrema severidade do tempo. Nós lemos que

¹⁵ Como Runki nasceu (de acordo com os registros da igreja em Melar) em 25 de dezembro de 1828, ele não tinha realmente completado 51 anos de idade quando morreu em outubro de 1879. O clérigo que escreveu a nota pode ter pretendido dizer que Runki estava em seu 52º ano na época em que sua morte foi finalmente provada pela recuperação dos seus restos corporais.

¹⁶ O Rev. Sigurdur B. Sivertsen também era o autor dos registros da paróquia de Utskalar. Estes registros consistiram na maior parte em notas oficiais sobre as atividades na paróquia, por exemplo, nascimentos, casamentos, e mortes, visto que os *Anais de Sudurnes* têm a qualidade de um registro pessoal, quase um diário, dos eventos na área examinada.

muitos navios foram perdidos em Skagi quando o tempo se mostrou extraordinariamente ruim na noite de 16 de outubro de 1879. Durante a mesma noite um acidente ocorreu. Um determinado homem de Klappakot, chamado Runolfur, que tinha vindo de Keflavik tarde do dia durante uma grande tempestade com chuva, chegou à fazenda em Landakot¹⁷ e partiu às onze horas. Ele tinha percorrido somente uma curta distância na escuridão para chegar à sua própria casa. Acredita-se que ele foi arrastado pela tempestade que caiu na praia e que o mar o levou para longe. Ele tinha ficado bêbado com o conhaque que levava consigo.

Este relatório dá a entender que Runolfur não era muito conhecido nesta área. O Rev. Sigurdur Sivertsen sem dúvida conhecia as pessoas de sua região muito bem, no entanto referiu-se somente “a um determinado homem de Klappakot chamado Runolfur.” Quando isto foi escrito, ele tinha sido um clérigo da região (Utskalar) por 48 anos.¹⁸ Nos registros do período após o ano novo (1880), podemos ler a seguinte passagem nos *Anais de Sudurnes*:

“Naquela época, os ossos de Runolfur foram levados posteriormente para a praia perto de Flankastadir. Seus ossos estavam todos em pedaços e a carne tinha sido arrancada dos ossos; a roupa dele também tinha sido levada e algumas delas não foram rasgadas. A jaqueta dele estava abotoada. [Isto implica que o corpo e a roupa foram levados separadamente.] As pessoas supuseram que o mar o levou quando ele sentou exausto ou que ele tinha sofrido uma morte repentina por causa do frio e da exaustão. Acredita-se que animais marinhos tenham comido sua carne e rasgado em pedaços o seu corpo e que camarões tenham consumido sua carne. Acredita-se que tudo isso aconteceu de uma maneira estranha”. Esta [última] conjectura não corresponde ao que Runolfur [o comunicador] disse nas sessões mediúnicas, a saber: “eu fui levado, mas depois os cães e os corvos vieram e me destroçaram.”

Inquéritos Posteriores Feitos por Nós

Os relatórios anteriores pareceram justificar alguns inquéritos adicionais sobre detalhes não incluídos neles, os quais os investigadores anteriores talvez tivessem negligenciado ou não mencionado em seus relatórios. Assim, nós fizemos uma lista de vários pontos que nos pareceram necessitar de mais esclarecimentos. Ao visitar a Islândia em 1971-72, E.H. fez os inquéritos que cobrem quase todos estes itens. Em setembro de 1972, I.S. passou vários dias na Islândia e trabalhou com E.H. na verificação de diversos detalhes. Nós fomos a Sudurnes e visitamos o terreno onde Runki morreu, assim como o cemitério (em Utskalar) onde o corpo e o fêmur (que acreditou-se ser o dele) foi enterrado mais tarde. Posteriormente, E.H. fez algumas entrevistas adicionais e continuou verificando em detalhes o que julgamos que ainda precisava ser investigado. Ao final, entrevistamos um grande número de pessoas que tinham informação para nos dar sobre o médium (Hafsteinn), as sessões em que Runki tinha se comunicado, as verificações das afirmações feitas nestas sessões, ou sobre o próprio Runki.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação

Nós entrevistamos individual ou coletivamente as seguintes pessoas:
Hafsteinn Bjornsson, o médium.

¹⁷ Landakot é (e era) a fazenda ao lado da fazenda de Sandgerdi. (Quando Runki estava vivo Sandgerdi era uma fazenda, não a vila que se tornou desde então). Em suas comunicações Runki disse que na noite de sua morte, durante a tempestade, ele tinha parado em Sandgerdi no caminho para sua casa; há assim uma discrepância entre a sua afirmação a respeito de onde ele parou nesta viagem e as notas do Rev. Sigurdur B. Sivertsen.

¹⁸ Os outros registros que nós citamos já indicavam que Runki tinha vivido a primeira parte de sua vida em uma outra parte da Islândia. Os registros mostram que ele viveu em diversos lugares diferentes e pode ter sido uma espécie de “andarilho”, o que poderia talvez esclarecer o fato de que o Rev. Sigurdur Sivertsen pouco o conhecia mesmo sendo (o Rev. Sigurdur Sivertsen) o clérigo da paróquia de Utskalar por quase a metade de um século naquela época.

Elinborg Larusdottir, autora de um relatório publicado no caso e de outros relatórios sobre a mediunidade de Hafsteinn.

Niels Carlsson, assistente das sessões em que Runki se comunicou.

Ingibjorg Danivalsdottir, um amigo de Hafsteinn.

Helgi Thordarson, inquilino anterior da casa possuída por Ludvik Gudmundsson em Sandgerdi onde um fêmur foi encontrado na parede.

Gudmundur Jorundsson, um amigo de Hafsteinn e acompanhante freqüente em suas sessões.

Eggert Briem, acompanhante em sessões de Hafsteinn.

Helgi Briem, acompanhante em sessões de Hafsteinn.

Rev. Jon Auduns acompanhante em sessões de Hafsteinn.

Jon Eiriksson, que nos ajudou na investigação sobre o fêmur situado na casa de Ludvik Gudmundsson.

Jonas Bjarnason, neto de Runki.

Elisabet Helgadottir, neta de Runki.

Rev. Gudmundur Gudmundsson, clérigo da paróquia de Utskalar.

Rev. Jon Thorarensen, editor dos *Anais de Sudurnes*.

Sigurleifur Thorleifsson, guardião de um farol em Sudurnes, que estava presente na cerimônia para o enterro do fêmur.

Hulda Helgadottir, acompanhante freqüente nas sessões de Hafsteinn.

Otto Michelsen, acompanhante nas sessões de Hafsteinn.

Zophonias Petursson, um amigo de Hafsteinn que o tinha acompanhado aos Arquivos Nacionais em novembro de 1939 (veja abaixo).

Ulfur Ragnarsson, M.D., acompanhante freqüente nas sessões de Hafsteinn.

Gisli Gudmundsson, morador de Sandgerdi.

Einar Gestsson, morador de Sandgerdi.

Johannes Sigurdsson, de Akranes, o capitão do mar aposentado que tinha vivido em Sandgerdi por volta de 1920.

Johannes Jonsson, de Gerdum, proprietário de um navio em Sandgerdi durante os anos 1917-37.

Durante os anos de 1971-72 E.H. se tornou bem familiarizado com Hafsteinn e soube através dele próprio que ele nunca tinha estado em Sandgerdi antes do desenvolvimento do caso. Nem ele tinha, até onde se sabe, sequer conhecido qualquer pessoa de Sandgerdi antes de o comunicador se identificar nos meses anteriores a 1939. Esta possibilidade, entretanto, não pode ser excluída, especialmente em vista do fato de que Hafsteinn tinha passado aproximadamente dois anos (por volta de 1933-35) na área de Keflavik, que está a cerca de cinco milhas e meia de Sandgerdi.

Em suas primeiras reuniões E.H. perguntou a Hafsteinn se ele tinha estado alguma vez nos Arquivos Nacionais ou na Biblioteca Nacional (em Reykjavik) onde os registros escritos relevantes que suportam este caso são mantidos. Na época Hafsteinn disse que não tinha estado nos Arquivos Nacionais, embora nós tenhamos descoberto mais tarde que ele esteve, um tópico ao qual nós retornaremos mais tarde. Mas além desta questão, nós pensamos que seria importante examinar estes registros escritos para conhecer todos os detalhes que eles continham, sendo que alguns deles poderiam ter sido omitidos do relatório de Elinborg Larusdottir. E nós quisemos estar tão certos quanto possível de que Hafsteinn não tinha visto os registros escritos antes de o comunicador revelar a sua identidade nos meses anteriores a 1939.

O leitor já terá observado que os dois registros escritos relevantes, o da paróquia em Utskalar e o dos *Anais de Sudurnes* (ambos escritos pelo Rev. Sigurdur B. Sivertsen) contêm alguns detalhes diferentes. A comunicação mediúnica não poderia ter como base apenas um desses registros porque nenhum deles contém todos os detalhes citados durante a comunicação. Os registros da igreja não mencionam que Runki tinha bebido conhaque quando o mar o levou. E os *Anais de Sudurnes* não citam o sobrenome dele (Runolfsson) nem mencionam o fato de que seus ossos foram enterrados em Utskalar. Contudo, talvez o mais importante seja o fato de que embora ambos os registros se refiram ao corpo como “desmembrado”, nenhum deles afirma que um osso da perna foi perdido quando o restante foi encontrado e enterrado em janeiro de 1880¹⁹. Mas se nós supusermos que o osso da perna encontrado na casa de Ludvik tinha sido parte do corpo desmembrado de Runki, então a interpretação do caso como um exemplo de clarividência (com ou sem o uso de alguma telepatia com as pessoas vivas) requer que a informação que conduz todos os fatos comunicados verificados deve ter vindo de *três* fontes.

Por causa da importância que nós atribuímos ao detalhe do osso que faltava, E.H. estudou os registros da igreja de Utskalar (nos Arquivos Nacionais de Reykjavik) e os *Anais de Sudurnes* na Biblioteca Nacional de Reykjavik. Ele descobriu que Elinborg Larusdottir e o Rev. Jon Thorarensen reproduziram os registros de maneira exata²⁰ e que de fato ninguém mencionou que uma perna (ou o osso) faltava do corpo de Runki quando ele foi encontrado em janeiro de 1880.

Com exceção dessa informação que acaba de ser citada, nos parece improvável que Hafsteinn pudesse ter lido um ou outro relatório a respeito da morte de Runki antes das sessões relevantes. Ele sempre negou ter examinado os registros da igreja de Utskalar ou ter lido os *Anais de Sudurnes*.

Por volta de 1939, e provavelmente por algum tempo antes disso, os registros da igreja da paróquia de Utskalar (para o período em questão) tinham sido transferidos para os Arquivos Nacionais em Reykjavik e lá permaneceram desde então. Os registros dos Arquivos Nacionais são geralmente utilizados apenas pelos universitários ou pelas pessoas associadas à pesquisa de alguma maneira. Em princípio, entretanto, esses registros estão abertos ao público. Cada pessoa que usa os materiais dos arquivos deve assinar o livro de visitas.

Nós mencionamos anteriormente que quando E.H. perguntou a Hafsteinn se ele tinha estado alguma vez nos arquivos nacionais, ele disse que não, que nunca esteve. Disse que tinha enviado uma vez um homem aos Arquivos Nacionais para obter uma cópia do certificado de morte da mãe dele. Mais tarde, entretanto, E.H. encontrou a assinatura de Hafsteinn no livro de visitas dos Arquivos Nacionais na data de 24 de novembro de 1939. (Nós obtivemos uma fotocópia da página relevante do livro de visitas.) O nome dele não aparece no livro de visitas antes desta data em 1939. Quando E.H. mencionou mais tarde a Hafsteinn que a assinatura dele tinha sido encontrada no livro de visitas, ele então recordou

¹⁹ Nós não estamos particularmente preocupados com a discrepância entre a explicação do comunicador sobre como o corpo dele foi desmembrado e a explicação oferecida nos *Anais de Sudurnes*. Ambas são inverificáveis.

²⁰ Ao examinar o manuscrito (na Biblioteca Nacional) do diário mantido por Rev. Sigurdur Sivertsen (e subsequentemente editado e publicado em 1953 como *Anais de Sudurnes* pelo Rev. Jon Thorarensen), E.H. descobriu que algumas páginas relevantes do manuscrito estavam faltando. Ao fazer perguntas sobre isto, E.H. soube que quando o Rev. Jon Thorarensen fizera fotocópias do manuscrito antes de preparar o livro para a publicação, as páginas não tinham sido encadernadas. Parece que algumas páginas tinham sido perdidas na encadernação. Infelizmente, o Rev. Jon Thorarensen tinha emprestado suas fotocópias a um amigo que morreu e sua viúva não pôde encontrá-las. E.H., entretanto, pôde comparar uma página do manuscrito com a página reproduzida na edição publicada do diário do Rev. Jon Thorarensen e a julgou bastante exata.

que realmente tinha visitado os Arquivos Nacionais com o seu amigo Zophonias Petursson. Disse a E.H. que tinha ficado curioso para ver por si mesmo os detalhes nos registros da paróquia, os quais os acompanhantes lhe disseram que tinham verificado. Ao mesmo tempo ele quis ver os arquivos nacionais para verificar algo a respeito da mãe falecida. Zophonias Petursson (cuja assinatura também aparece no registro dos visitantes) corroborou a memória revivida de Hafsteinn de sua visita aos Arquivos Nacionais em 24 de novembro de 1939. Isto pode ser interpretado como um erro honesto de memória sobre um evento que aconteceu 32 anos antes de nossos inquéritos de 1971-72. Hafsteinn disse ainda que nunca havia estado nos Arquivos Nacionais antes de novembro de 1939, aproximadamente seis meses depois que o comunicador tinha revelado a sua identidade correta e todos os detalhes essenciais restantes da comunicação sobre ele próprio.²¹

Seria enganoso dizer que as assinaturas no livro de visitas dos Arquivos Nacionais fornecem um registro completamente digno de confiança de todas as pessoas que consultam os livros e originais nele. Nós estávamos naturalmente interessados em encontrar no livro de visitas as assinaturas dos acompanhantes que tinham verificado as indicações do comunicador nos registros da igreja da paróquia de Utskalar que foram mantidos nos Arquivos Nacionais. Nenhum dos nomes dos acompanhantes apareceu no livro de visitas. Niels Carlsson disse a E.H. que tinha ido aos arquivos nacionais olhar os registros da paróquia de Utskalar. Ao explicar a sua missão a um dos arquivistas, o último tornou-se interessado na matéria, trouxe à luz o livro relevante dos arquivos, e examinou-o com Niels Carlsson. No fim Niels Carlsson verificou os detalhes (a maioria) da comunicação deste exame dos registros da paróquia e deixou os arquivos sem assinar o livro de visitas.²² Nós mesmos observamos uma falta de controle em pedir que os visitantes assinem o livro de visitas nos Arquivos. Nós fomos até o local verificar alguns registros, passamos algum tempo na sala dos visitantes, e então deixamos o local sem que ninguém nos pedisse para assinar o livro. Entretanto, em uma visita anterior aos arquivos, E.H. foi solicitado para assinar o livro de visitas. A sala onde os registros podem ser consultados é bem pequena, com lugares para apenas 18 visitantes. Parece razoavelmente certo que todo o visitante *regular* se tornaria rapidamente conhecido à equipe de funcionários dos arquivos. Todavia, quando se considera todos os aspectos, o melhor a ser feito é confiar mais nas memórias individuais do que nas assinaturas no livro de visitas para decidir se uma pessoa em particular tinha visitado os arquivos em uma determinada data.

Nós consideramos também a possibilidade de que Hafsteinn tivesse examinado o manuscrito dos *Anais de Sudurnes* que em 1939 foi mantido na Biblioteca Nacional. Sendo

²¹ Em vista da facilidade notável de Hafsteinn em obter nomes próprios, não é surpreendente que houvesse uma certa suspeita de que ele às vezes guardava em sua mente informações que mais tarde poderiam ser úteis em uma sessão. Nós prestamos atenção principalmente nas informações que os informantes poderiam nos dar com base em *evidência*, ao contrário de conjecturas, indicando que Hafsteinn tivesse de fato trapaceado deste modo. Um informante falou sobre duas situações que ele conhecia nas quais Hafsteinn dera uma informação *incorreta* que correspondia aos registros escritos. Entretanto, em nenhum exemplo pareceu provável que o erro surgiu do uso fraudulento do material escrito por Hafsteinn. Em um destes exemplos pareceu improvável que ele pudesse ter tido acesso ao material escrito (não publicado) mesmo se tivesse a intenção de consultá-lo. Em uma terceira situação (mencionada pelo mesmo informante) Hafsteinn disse que não tinha ido a um lugar particular quando de fato foi. A pessoa que descobriu isto acusou Hafsteinn de mentir, mas nosso informante pensou que o mais provável é que se tratasse de um lapso de memória, que também é uma explicação possível para o fato de ele ter negado anteriormente a E.H. que estivera alguma vez nos Arquivos Nacionais. Para um exemplo das dificuldades em avaliar correspondências entre comunicações de um médium e fontes publicadas da informação veja Stevenson (1965).

²² Em seu relatório do caso que nós resumimos, Elinborg Larusdottir (1946) afirmou que tinha verificado as comunicações nos registros da paróquia de Utskalar. Entretanto, foi Niels Carlsson que, em nome dos outros acompanhantes, primeiramente foi aos Arquivos Nacionais e examinou os registros da paróquia de Utskalar.

que este último está no mesmo edifício que os Arquivos Nacionais em Reykjavik. O acesso a este local não exigiu a assinatura do livro de visitas. Os *Anais de Sudurnes* existiram somente na forma de manuscrito até serem editados e publicados em 1953. O manuscrito, entretanto, podia ser prontamente consultado pelas pessoas que pedissem para vê-lo. O obstáculo principal a qualquer um que assim o fizesse era que muito poucas pessoas souberam de sua existência antes de sua publicação em 1953. Ao contrário dos registros da paróquia, em que exige-se que cada ministro anote os principais eventos de seu pastorado, os *Anais de Sudurnes* eram um diário confidencial que o Rev. Sigurdur B. Sivertsen, clérigo de Utskalar para o período em questão, mantinha mais ou menos para o seu próprio interesse. Nós não podemos dizer se ele o escreveu pensando em publicá-lo algum dia. Mas, em todo o caso, sabemos que existia apenas em forma de manuscrito, o que era conhecido somente por alguns estudantes até 1953. É praticamente impossível que Hafsteinn pudesse acidentalmente “ter esbarrado nele”. Ele teria que estar na Biblioteca Nacional e procurar deliberadamente este manuscrito, ou algo parecido, para chegar até ele. Supor que isso tenha acontecido é implicar em fraude, e isso nos parece uma interpretação improvável para o caso.

Nenhum jornal diário existia no período de 1879-80 na Islândia e conseqüentemente nenhum obituário ou notícia da morte de Runki poderia ter aparecido nesse formato. Dois jornais eram publicados duas vezes por semana nas regiões sul e oeste da Islândia em 1879-80. E.H. examinou as edições de setembro de 1879, até fevereiro de 1880, de ambos os jornais e não encontrou nada neles sobre Runki. Isto não é surpreendente já que estes jornais pequenos continham na maior parte notícias políticas ou anúncios governamentais. Publicavam obituários ocasionais de pessoas proeminentes, mas ignoravam a morte de um homem desconhecido como Runki, mesmo supondo que o editor tivesse ouvido falar dele.

Outra possibilidade existe para uma comunicação normal. Nós nos referimos ao fato de que algumas pessoas que ainda viviam no fim da década de 1930 e no início da década de 1940 souberam que um fêmur “tinha circulado” em Sandgerdi e que um carpinteiro o tinha colocado nas paredes da casa que mais tarde foi comprada por Ludvik Gudmundsson. Parece completamente improvável que algumas destas pessoas soubessem qualquer coisa sobre Runki. De qualquer modo, elas não associaram conscientemente o osso ao nome dele quando Ludvik Gudmundsson fez perguntas na região sobre a existência de um osso que pertencia a uma pessoa com esse nome. É apenas remotamente possível, entretanto, que uma destas pessoas idosas, nascidas talvez antes de 1880, tivesse sabido quando criança da morte muito incomum de Runki e tivesse esquecido mais tarde deste fato ao mesmo tempo em que ainda se lembraria, mesmo que vagamente, do fêmur que faltava. Se tal pessoa existisse e fosse faladeira, o que ela sabia pode de algum modo ter chegado ao conhecimento de Hafsteinn — talvez através de terceiros. (Isto seria à parte de uma comunicação telepática, que nós consideraremos mais tarde).

Pareceu importante conseguir qualquer informação que pudéssemos obter sobre as questões acima. Por causa do longo lapso de tempo desde a morte de Runki, e também desde as sessões em 1938-39, não supusemos que muitas testemunhas em primeira mão ainda estivessem vivas. Apesar disso, E.H. conseguiu encontrar alguns informantes úteis.

O primeiro destes foi Helgi Thordarson, que nasceu na no sul da Islândia em 1901 e se mudou para Sandgerdi em 1914. (Ele estava vivendo em Keflavik em 1972.) Ele tinha vivido na casa comprada por Ludvik Gudmundsson em Sandgerdi e é mencionado no relatório feito por Elinborg Larusdottir que nós resumimos anteriormente. Ele lembrou que um fêmur tinha sido mantido na casa que mais tarde foi comprada por Ludvik Gudmundsson. Acreditou-se que o fêmur tinha sido trazido pelo mar. O osso não foi associado a nenhum homem em particular. Helgi Thordarson recordou também que quando um quarto no segundo andar da

casa foi remodelado, o carpinteiro, Asbjorn Palsson, colocou o fêmur entre as paredes. Isto aconteceu não muito antes de Ludvik Gudmundsson ter comprado a casa. Depois da sessão em que Runki se identificou, Ludvik Gudmundsson veio a Helgi Thordarson (porque tinha vivido na casa que Ludvik Gudmundsson tinha comprado) e perguntou a ele sobre a perna que o comunicador tinha afirmado que estava em sua casa (de Ludvik). Helgi Thordarson contou a Ludvik Gudmundsson sobre o carpinteiro, Asbjorn Palsson, que mostrou a Ludvik onde ele tinha colocado o fêmur na parede.²³ Helgi Thordarson não soube dizer com certeza se tinha ouvido falar de Runki antes que Ludvik Gudmundsson lhe contasse sobre a comunicação mediúnica. Apesar disso, ele estava completamente certo de que o fêmur não tinha sido associado ao nome de Runki antes das sessões.

Nossa investigação nos levou também a Jonas Bjarnason, neto de Runki. Ele sabia desde pequeno sobre o modo como o avô desapareceu. Sabia também que o corpo dele, após ter sido encontrado e enterrado, consistia em “restos” mortais já que ele teria sido comido presumivelmente pelos camarões. Ele não sabia, entretanto, se faltava ou não um pedaço da perna quando o corpo do avô foi enterrado. Ele nasceu depois que o avô dele morreu.

Um informante, Johannes Jonsson, que era um proprietário de navio em Sandgerdi desde 1917, disse a E.H. que Ludvik Gudmundsson lhe tinha dito que depois que (Ludvik) se interessou pelo caso de Runki e que o osso da perna foi encontrado em sua casa, a investigação dele o levou a acreditar que o fêmur tinha sido recuperado no início da década de 1920 quando foi feita uma escavação para uma casa na praia. Um outro informante, Gisli Gudmundsson, disse que o fêmur tinha estado na casa de Ludvik quando ele viveu no local em 1922, e que tinha sido levado para lá no ano anterior, provavelmente pelo mar. Gisli Gudmundsson (1948) tinha ouvido falar de Runki, mas afirmou que o fêmur nunca tinha sido associado a nenhum homem em particular. O meio-irmão de Gisli, Einar, recordou também que o fêmur estava na casa em 1922. O osso, ambos concordaram, tinha sido de um homem incomumente alto. Assim, a informação mais confiável indica que o osso foi descoberto no início da década de 1920s. Parece quase não ter sido conhecido na vizinhança que os dois crânios mencionados acima foram associados aos pescadores que se afogaram um pouco antes da virada do século. Nenhum dos informantes em primeira mão que foram interrogados recordava que o fêmur, quando encontrado, foi associado ao Runki (ou a alguma pessoa em particular). Isto não é surpreendente, já que o osso não foi descoberto até aproximadamente 40 anos após a morte de Runki.

E.H. soube também do Rev. Jon Thorarensen, que, por causa da edição dos *Anais de Sudurnes*, era uma possível fonte de informação, que ele nunca se encontrou com Hafsteinn antes de 1940 e nunca ouviu falar do fêmur perdido antes do desenrolar do caso, apesar de ele ter vivido na região da Islândia onde o fato aconteceu.

A fim de auxiliar no processo de compreensão dos detalhes complicados deste caso, nós apresentamos nas tabelas abaixo um sumário das afirmações feitas pelo comunicador, junto com as fontes da verificação para elas e de alguns comentários.

²³ Este registro difere em alguns detalhes do que o livro de Elinborg Larusdottir (1946) tinha previamente resumido.

DISCUSSÃO

Antes de discorrermos sobre as interpretações deste caso, faremos uma revisão do que consideramos como sendo os seus pontos fracos e fortes mais importantes.

O primeiro ponto fraco deriva-se da negação inicial feita por Hafsteinn de que nunca tinha estado nos Arquivos Nacionais. Isto pode ter sido um lapso honesto de memória, mas outras interpretações não podem ser excluídas. Uma destas seria a de que Hafsteinn, antes das sessões relevantes, tinha obtido muitas das informações comunicadas sobre Runki consultando os registros da paróquia de Utskalar nos Arquivos Nacionais. Nosso conhecimento de Hafsteinn não suporta a idéia de uma fraude tão deliberada. É também possível que Hafsteinn tivesse se lembrado desde o começo que tinha ido uma vez aos Arquivos Nacionais *depois* das sessões relevantes a fim de verificar a exatidão das comunicações de Runki; mas tenha suprimido esta informação ao falar primeiramente com E.H. por medo de que nós pudéssemos pensar que ele tinha ido aos Arquivos Nacionais *antes* das sessões com a finalidade de bolar uma fraude. Sabendo que era inocente da última ofensa, ele pode ter decidido nos iludir sobre uma visita aos Arquivos Nacionais.

Uma segunda fraqueza do caso encontra-se no fato de que o osso encontrado na parede da casa de Ludvik Gudmundsson em Sandgerdi nunca foi identificado de forma definitiva como pertencente ao Runki. Embora se saiba que o corpo de Runki, quando encontrado na praia, estava “desmembrado” ou “em pedaços” estas frases por si só não implicam que alguma parte do esqueleto estivesse faltando. Foi posteriormente suposto por todas as pessoas relacionadas que o fêmur encontrado na parede da casa de Ludvik Gudmundsson tinha sido parte do corpo de Runki. Os fatos de que o fêmur era longo e de que Runki foi conhecido por ter mais de seis pés de altura sustentaram esta suposição. Assim como a raridade de se encontrar corpos e ossos emergidos no litoral dessa parte da Islândia. É natural ligar qualquer resto que seja encontrado na praia às poucas pessoas conhecidas por terem morrido em acidentes fora do litoral dessa área. Sendo assim, e considerando tudo isto, nós permanecemos sem uma evidência clara de que o fêmur encontrado na casa de Ludvik era parte do corpo de Runki.

Nós consideramos seriamente um esforço para desenterrar o corpo e o fêmur de Runki de modo que pudéssemos determinar se combinavam. Conseguimos o consentimento da neta e do neto de Runki para isto. Infelizmente, o cemitério em Utskalar é grande e não havia nenhum indício da posição de nenhum dos ossos individuais. As lápides eram na maior parte de origem razoavelmente recente, embora algumas datassem do século XIX e algumas do século XVIII. As sepulturas pareciam ter sido aglomeradas, e acreditamos que o cemitério contém muitas sepulturas sem identificação, assim como corpos “depositados” no mesmo lote, colocados em níveis diferentes. O Rev. Gudmundur Gudmundsson, clérigo de Utskalar, concordou mais tarde com E.H. em nossa conclusão desanimadora sobre a impossibilidade de uma busca pelos ossos de Runki no cemitério.

Do lado forte do caso, temos a característica notável do comunicador Runki de expressar prazer em encontrar-se com Ludvik Gudmundsson quando se juntou a ele pela primeira vez nas sessões, dizendo que “seu osso” estava na casa de Ludvik. Um fêmur foi encontrado subsequente na casa de Ludvik como foi indicado pelo comunicador. Nenhum dos acompanhantes sabiam da existência deste osso nem tinham ouvido falar da pessoa viva que o comunicador reivindicava ter sido. A descoberta do fêmur condiz com todas as indicações restantes que foram feitas pelo comunicador e verificadas se nós supusermos que o fêmur tinha sido parte do corpo vivo de Runki. Vamos supor por um instante que esta suposição seja *incorreta* e que o fêmur descoberto não era de Runki. O médium ainda teria que unir um grupo incomum de detalhes que dão forma a uma história coerente em que o fêmur teve um

lugar muito natural. Isto justifica o fato de que tenhamos desejado investigar ainda mais sobre como o médium pôde ter obtido toda a informação correta comunicada. Nós consideraremos a possibilidade de que Hafsteinn tenha adquirido de algum modo o conhecimento sobre Runolfur Runolfsson através dos meios normais (a) das pessoas vivas informadas sobre os fatos essenciais da morte do comunicador, (b) dos registros escritos sobre ele, ou (c) de uma combinação de ambas estas fontes. Nós consideraremos cada uma destas hipóteses.

Como nós mencionamos anteriormente, Hafsteinn viveu aproximadamente dois anos na área de Keflavik e, embora negue que isso tenha acontecido, é concebível que durante este tempo ele tinha ido até Sandgerdi (aproximadamente a seis milhas de distância) e que lá tivesse aprendido mais do que recordou posteriormente sobre Runki. E embora nenhuma das pessoas mais velhas que sabiam sobre o fêmur que tinha sido colocado na parede de uma casa em Sandgerdi muitos anos antes o tivesse associado a nenhuma pessoa em particular, muito menos ainda ao Runki, não é impossível supor que Hafsteinn uniu de algum modo os vários fragmentos de informações que colheu acima e mais tarde os inseriu nas comunicações subsequentemente verificadas.

Se decidirmos que Hafsteinn não teve nenhum contato normal com as pessoas que sabiam sobre a morte de Runki, podemos supor em seguida que ele obteve as informações de tais pessoas por telepatia. Podemos identificar diversos possíveis candidatos para o papel do “agente” nesta troca. Mas nenhum deles parece ser qualificado o bastante em todos os aspectos.

Podemos considerar os homens mais velhos de Sandgerdi, em especial, o carpinteiro, Asbjorn Palsson, que sabia que o fêmur tinha sido colocado na parede, como fontes da informação sobre ele. Mas, como mencionamos anteriormente, estas pessoas nunca tinham relacionado o fêmur a qualquer pessoa em particular e mal poderiam ter sido as fontes para todas as informações corretas fornecidas pelo comunicador.

O Rev. Jon Thorarensen era uma fonte da informação sobre a área de Sandgerdi e sabia da morte de Runolfur Runolfsson. Mas não conheceu Hafsteinn antes de 1940 e nada sabia da existência de um osso da perna em uma parede da casa de Ludvik Gudmundsson antes deste ser encontrado lá.

Jonas Bjarnason, neto do comunicador, sabia desde a infância que o seu avô tinha desaparecido durante uma tempestade, mas não sabia que um pedaço da perna estava faltando quando o corpo do avô foi enterrado. E também não sabia que o avô estava bêbado quando morreu. (Isto ele só soube após a publicação do primeiro relatório do caso que foi escrito por Elinborg Larusdottir.) Jonas Bjarnason tinha ouvido falar antes dos crânios e de um osso da perna na casa de Ludvik Gudmundsson em Sandgerdi, mas não tinha associado estes ossos a nenhuma pessoa em particular, incluindo o seu avô. Se o caso pudesse ser interpretado como um exemplo de telepatia entre o médium e pessoas vivas, então Jonas Bjarnason pareceria ser uma fonte mais provável das informações extraídas telepaticamente, mas ele também não poderia ser qualificado como o *único* conhecedor de toda a informação correta comunicada. Os registros escritos disponíveis fornecem dificuldades similares se nós desejarmos supor que o médium obteve toda a informação correta comunicada de uma única fonte através da clarividência. Nós já mencionamos que os detalhes principais sobre a morte de Runki estavam em dois registros escritos em Reykjavik, nos registros da igreja de Utskalar e nos *Anais de Sudurnes*. Mas cada um destes registros omitiu um ou dois detalhes significativos encontrados no outro. O médium negou que houvesse estudado alguma vez estes registros mas, mesmo que o tivesse feito, sozinho ele não poderia ter obtido deles a informação correta sobre o osso da perna que foi encontrado na casa de Ludvik Gudmundsson.

Recapitulando as possibilidades que se referem a como o médium teria adquirido todas as informações corretamente comunicadas, não parece possível atribuir todas essas informações a nenhuma pessoa ou fonte escrita isolada. E isto seria verdade, acreditamos, quer o médium tenha adquirido as informações normalmente ou através de PES. Achemos, portanto, que algum processo de integração de detalhes extraídos de diferentes pessoas ou de fontes diversas deve ser considerado na interpretação deste caso. Pode ser mais simples explicar esta integração como o resultado da sobrevivência de Runki após a sua morte física, com a retenção de muitas memórias e sua subsequente comunicação através da mediunidade de Hafsteinn. Por outro lado, sabe-se que os sensitivos têm realizado feitos notáveis ao receber e integrar informações sem a participação de qualquer personalidade desencarnada.

Este caso, entretanto, não pode ser satisfatoriamente interpretado apenas com base nos detalhes cognitivos. Ao contrário da maioria dos casos de comunicadores “inesperados”, o caso atual contém detalhes comportamentais ricos e nesse aspecto assemelha-se a muitos dos casos do tipo reencarnação na Ásia (Stevenson, 1974). Os advogados da hipótese de telepatia entre o médium e as pessoas vivas devem também explicar, em nossa opinião, a personificação vivida pelo médium de um caráter completamente diferente dos seus próprios. Infelizmente, não sabemos como a personalidade de Runki realmente era. Os *Anais de Sudurnes* mencionam que ele estava bêbado quando foi levado pelo mar, mas esta é a única sugestão de um traço de personalidade contido nos registros escritos. Não podemos, conseqüentemente, dizer que a personificação mostrada pelo comunicador correspondia ao caráter de Runki, já que temos informações escassas sobre ele. Apesar disso, o comunicador exibiu uma personalidade bem definida e harmoniosa com o pouco que é sabido ou que pode ser conjecturado sobre o Runki vivo. Houve primeiramente os pedidos importunos e incessantes para a recuperação de uma perna que faltava. Depois vieram os gestos bruscos, e até mesmo rudes, e o desejo de que lhe servissem rapé, café, e álcool. E finalmente o comunicador mostrou uma ressalva bastante inexplicável sobre revelar a sua identidade, a qual manteve em segredo por mais de um ano. Estes traços comportamentais parecem indicar o que nós devemos esperar de um homem apegado aos prazeres carnis e ao seu próprio corpo físico. Eles concordam com os fatos sabidos a respeito da morte do Runki real. O leitor deve decidir se pensa que Hafsteinn teve uma motivação maior para se comportar na maneira descrita por diversos anos do que estar sob o controle real de Runki, supondo que ele tivesse sobrevivido à morte.

A história de Runolfur Runolfsson não terminou com o enterro do fêmur removido das paredes na casa de Ludvik Gudmundsson em Sandgerdi. Runki continuou a se comunicar com Hafsteinn. Embora, como já mencionamos, ele tenha rejeitado anteriormente uma proposta de modificar suas maneiras rudes, isso acabou acontecendo gradualmente. Ele se tornou cada vez mais gentil e útil aos outros comunicadores. Eventualmente (em 1949) ele se transformou no controle principal do médium e tem continuado a agir desde então nesta função. E.H. compareceu a várias sessões com Hafsteinn em que Runki foi o controle. Em 1972, Hafsteinn veio a Nova Iorque pela primeira vez e em sessões que nós dois assistimos na A.S.P.R. Runki se comunicou e exerceu um papel importante nas atas.

Tabulação

SUMÁRIO DAS DECLARAÇÕES FEITAS PELO COMUNICADOR RUNOLFUR RUNOLFFSSON (RUNKI)

<i>Item</i>	<i>Verificação</i>	<i>Comentários</i>
1. Seu nome era Runolfur Runolfsson	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	<i>Os Anais de Sudurnes</i> fornecem apenas o primeiro nome do falecido, Runolfur.
2. Ele morreu com 52 anos.	Registros da paróquia de Melar citado por Larusdottir (1946)	Os registros da igreja mostram que Runolfur Runolfsson nasceu em 25 de dezembro de 1828. Ele tinha assim 51 anos quando morreu e 52 quando o seu corpo foi encontrado em janeiro de 1880. Eles presumivelmente registraram a partir da data em que seu corpo foi encontrado e que ele podia ser declarado morto oficialmente ao invés de somente desaparecido.
3. Ele viveu em Kolga ou Klappakot.	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	
4. Ele tinha uma esposa.	Registros da paróquia de Utskalar Elisabet Helgadóttir, neta de Runki	O registro da paróquia afirma que Runki vivia com Gudrun Bjarnadóttir, mas não que foram casados. Elisabet Helgadóttir disse que seus avós foram casados.
5. No dia de sua morte ele estava em uma viagem, “voltando de Keflavik.”	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	
6. Tinha parado na casa de Thordarson em Sandgerdi.	Não verificado.	É praticamente certo que Runki atravessou Sandgerdi antes de alcançar o lugar onde a maré o carregou para longe. Este lugar (Flankastadir) é perto de Sandgerdi e entre Keflavik e Klappakot, que era o seu destino.
7. O tempo estava extremamente ruim.	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	
8. A casa dele estava a somente 15 minutos de distância [da casa de Sveinbjorn Thordarson].	Verificado por nós em nossa visita à área entre Sandgerdi e Klappakot	
9. Ele retomou a caminhada sozinho e andou sobre o cascalho até alcançar Flankastadir.	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	Os registros da paróquia não dizem exatamente onde o corpo de Runki foi levado. Mas foi conjecturado que tenha sido levado pelo mar na área de Flankastadir.
10. Sentou-se e bebeu conhaque de uma garrafa que ele carregava consigo.	<i>Anais de Sudurnes</i>	Os <i>Anais de Sudurnes</i> simplesmente registram que “ele tinha ficado bastante bêbado com o conhaque que ele carregava consigo.”
11. Caiu no sono e a maré subiu e o arrastou para longe.	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	Os registros da paróquia indicam que Runki pode ter sido “levado pela tempestade.” Os <i>Anais de Sudurnes</i> afirmam que “o mar o carregou para longe.” A

		informação de que ele estava adormecido nessa hora é inverificável, mas provável, já que é improvável que ele teria se afogado caso estivesse acordado.
12. Isso ocorreu em outubro de 1879.	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	Os registros da paróquia contêm a data exata como sendo: 16 de outubro de 1879.
13. Ele [seu corpo] não foi encontrado até janeiro de 1880.	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	Os restos mortais foram enterrados no dia 8 de janeiro de 1880, presumivelmente alguns dias depois de ter sido arrastado e encontrado.
14. Seu corpo foi trazido de volta pelo mar e os cães e os corvos o desmembraram.	Registros da paróquia de Utskalar <i>Anais de Sudurnes</i>	Ambos os registros declaram apenas que o corpo foi desmembrado, mas não indicam como isto aconteceu. Os <i>Anais de Sudurnes</i> incluem a suposição de que os animais carnívoros marinhos comeram e desmembraram o corpo dele e que os camarões fizeram um estrago ainda maior.
15. Um osso da coxa estava faltando.		
16. Ele foi carregado novamente pelo mar, e arrastado até Sandgerdi.		No começo da década de 1920 um osso da coxa não identificado foi colocado na casa (mais tarde possuída por Ludvik Gudmundsson) em Sandgerdi. Presumivelmente, o osso foi achado perto da casa, mas isso nós não sabemos com certeza.
17. O osso da coxa estava na casa de Ludvik [Gudmundsson].	E. Larusdottir (1946) Helgi Thordarson, inquilino anterior da casa de Ludvik Gudmundsson em Sandgerdiem Johannes Jonsson Gisli Gudmundsson	Um osso da coxa foi encontrado na casa de Ludvik Gudmundsson. Este osso não pôde ser definitivamente identificado como sendo um dos ossos da coxa de Runki. Helgi Thordarson tinha participado na busca pelo osso na parede da casa de Ludvik Gudmundsson e de sua descoberta. Veja texto para detalhes das entrevistas de E. H. com todos os informantes para este item.
18. Seu corpo foi enterrado no cemitério de Utskalar.	Registros da paróquia de Utskalar	
19. Ele parecia ser muito alto.	Jonas Bjarnason, neto de Runki	Runki era três “alin” (“ell” em dinamarquês) alto. Isto quer dizer aproximadamente seis pés e uma polegada.
20. Há um registro de suas declarações “no livro da igreja de Utskalar”.	Registros da paróquia de Utskalar	

REFERÊNCIAS

- BJORNSSON, H. *Sogur ur safni Hafsteins midils*. (Stories from the Collection of Hafsteinn the Medium). Iceland: Skuggsja, 1972.
- GAULD, A. A series of “drop in” communicators. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 1971, 55, 273-340.
- GIBBES, E. B. Have we indisputable evidence of survival? *Journal of the American Society for Psychical Research*, 1937, 31, 65-79.
- GIBSON, E. P. An examination of motivation as found in selected cases from *Phantasms of the Living*. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 1944, 38, 83-105.
- GUDMUNDSSON, G. Daudi Runolfs i Kolgu. (Death of Runolfur from Kolga.) In G. Jonsson, *Islenzkir sagnthaettir og thjodsogur*. (Icelandic Stories and Folklore.) Iceland: Isafoldarprentsmidja, 1948. Vol. VII, pp. 149-154.
- HARALDSSON, E., and STEVENSON, I. An experiment with the Icelandic medium Hafsteinn Bjornsson. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 1974, 68, 192-202.
- HILL, J. A. *Psychical Investigations*. New York: Doran, 1917.
- LARUSDOTTIR, E. *Midillinn Hafsteinn Bjornsson*. (The Medium Hafsteinn Bjornsson.) Iceland: Nordri, 1946.
- LARUSDOTTIR, E. *Leitig og ther munid finna*. (Seek and You Will Find.) Iceland: Skuggsja, 1965.
- LARUSDOTTIR, E. *Hvert liggur leidin?* (Where Does the Road Lead?) Iceland: Skuggsja, 1970.
- MOSES, W. S. Correspondence. *The Spiritualist*, December 11, 1874, and March 10, 1875.
- MOSES, W. S. *Spirit Identity*. London: W. H. Harrison, 1879.
- STEVENSON, I. New evidence on an important detail in the case of Abraham Florentine. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 1965, 59, 47-55.
- STEVENSON, I. A communicator unknown to medium and sitters: The case of Robert Passanah. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 1970, 64, 53-65.
- STEVENSON, I. A communicator of the “drop in” type in France: The case of Robert Marie. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 1973, 67, 47-76.
- STEVENSON, I. *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. 2nd ed. rev. Charlottesville: University Press of Virginia, 1974.
- TYRRELL, G. N. M. Case: A communicator introduced in automatic script. *Journal of the Society for Psychical Research*, 1939, 31, 91-95.
- ZORAB, G. A case for survival? *Journal of the Society for Psychical Research*, 1940, 31, 142-152.

*Departamento de Psicologia
Universidade da Islândia
Reykjavik
Islândia*

*Divisão de Parapsicologia
Departamento de Psiquiatria
Faculdade de Medicina
Virgínia
Charlottesville, Virgínia 22901*

Referência original: Erlendur Haraldsson & Ian Stevenson (1975). A communicator of the “drop in” type in Iceland: The case of Runolfur Runolfsson. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 69, 33-59.

Este artigo foi traduzido para o português por Vitor Moura Visoni e revisado por Inwords.